



# OS FATOS POLÍTICOS DA VENEZUELA (2017) NA IMPRENSA ALTERNATIVA: PERCEPÇÕES DOS RECEPTORES

## VENEZUELA'S POLITICAL FACTS (2017) IN THE ALTERNATIVE PRESS: RECEIVERS' PERCEPTIONS

## LOS HECHOS POLÍTICOS DE VENEZUELA (2017) EN LA PRENSA ALTERNATIVA: PERCEPCIONES DE LOS DESTINATARIOS

Douglas Junio Fernandes Assumpção\*  
Marcio Paiva de Souza\*\*  
Andrea Oliveira Corrêa\*\*\*

### RESUMO

Esse artigo apresenta algumas percepções sobre os fatos políticos da Venezuela (2017) cobertos pela imprensa alternativa. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, exploratória, na perspectiva da etnometodologia, recortando e recompondo fragmentos de histórias orais sobre o processo de cobertura da crise da Venezuela, no sentido de construir um espaço comunicacional, interacional com os entrevistados. Fez-se a reflexão que o Jornalismo Alternativo eclodiu em meio à jornalistas, manifestantes, estudantes, intelectuais, dentre outros, na perspectiva de transmitir o dinamismo político-social em tempo real, contudo, é sublinhada a questão da imparcialidade, e do “livre”.

**Palavras-chave:** Jornalismo Alternativo. Jornalistas Livres. Venezuela.

### ABSTRACT

This article presents some perceptions about the political facts of Venezuela (2017) covered by the alternative press. It was carried out a qualitative, exploratory research, from the perspective of Ethnomethodology, cutting and recomposing fragments of oral histories about the process of covering the crisis of Venezuela, in the sense of building a communicational, interactional space with the interviewees. Reflecting that Alternative Journalism erupted among journalists, protesters, students, intellectuals, among others, in the perspective of transmitting political-social dynamism in real time, however, it is emphasized the issue of impartiality, and the “free”concept.

**Keywords:** Alternative Journalism. Free Journalists. Venezuela.

### RESUMEN

Este artículo presenta algunas percepciones sobre los hechos políticos de Venezuela (2017) cubiertos por la prensa alternativa. Se realizó una investigación exploratoria cualitativa, desde la perspectiva de la etnometodología, recortando y recomponiendo fragmentos de historias orales sobre el proceso de cobertura de la crisis en Venezuela, con el fin de construir un espacio comunicacional e interaccional con los entrevistados. Se reflexionó que el Periodismo Alternativo estalló entre periodistas, manifestantes, estudiantes, intelectuales, entre otros, en la perspectiva de transmitir el dinamismo sociopolítico en tiempo real, sin embargo, se destaca el tema de la imparcialidad y la “libertad”.

**Palabras-clave:** Periodismo alternativo. Periodistas libres. Venezuela.

\*Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5048-6692>  
E-mail: [rp.douglas@hotmail.com](mailto:rp.douglas@hotmail.com)

\*\*Graduado em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio de Belém (ESTÁCIO Belém)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8059-6788>  
E-mail: [marciopaivabraga@gmail.com](mailto:marciopaivabraga@gmail.com)

\*\*\*Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Faculdade Estácio de Belém (ESTÁCIO Belém).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5810-5847>  
E-mail: [andreajornalismofc@gmail.com](mailto:andreajornalismofc@gmail.com)



## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar algumas percepções sobre os fatos políticos da Venezuela (2017) cobertos pela imprensa alternativa/jornalista livre<sup>1</sup>. Especificamente, compreender a formação da questão da imparcialidade pelo jornalismo alternativo, sobre os acontecimentos e manifestações em rede nas plataformas digitais locais sobre intervenções com pautas de temas políticos em torno da crise na Venezuela.

O recorte feito nesta pesquisa nasce do interesse pelos acontecimentos políticos e sociais que permeiam um recorte cronológico do ano de 2017 na Venezuela, como um fato relevante no cenário da América Latina, a partir da noção de um jogo entre ênfases e lacunas de informações sobre a situação política, social, econômica da Venezuela nas mídias tradicionais. Pode-se dizer que os atuais acontecimentos políticos que tem passado a Venezuela “nascem” de posicionamentos do século XIX, contudo implantados e implementados a partir de 1998 com a eleição democrática que possibilitou a ascensão de Hugo Chávez ao poder, no qual permaneceu até 2012.

Moraes (2010) evidencia que essas estruturas designam um conjunto de intuições que são responsáveis por elaborar e propagar determinadas ideologias enquanto percepções de mundo que partem deste dos sistemas educacionais, contextos políticos, meios de comunicação e outros.

Sob esta perspectiva, e aos olhos dos Jornalistas Livres<sup>2</sup>, Chávez caracterizava-se como um “populista” (um carismático defensor da ampliação de políticas sociais para as minorias em oportunidade). Chávez possibilitou, a partir de acordos e políticas internacionais, o alavancamento significativo do PIB – Produto Interno Bruto, venezuelano. Somente o comércio petrolífero venezuelano passou a representar 96% do PIB.

A Venezuela passou a ser um dos maiores exportadores de petróleo para os Estados Unidos no período em que o valor da unidade do barril ultrapassava 100 (cem) dólares. Isso contribuiu para um superávit econômico e, sobretudo, para a melhoria da qualidade de vida – a partir de projetos sociais, e melhorias na educação venezuelana. Contudo, isso não fez de Hugo Chávez “o pai dos pobres”.

É inegável que Chávez contribuiu significativamente para a ampliação de políticas públicas para as minorias em oportunidade, mas é interessante ressaltar que tais políticas não se tratavam de uma dádiva chavista, mas sim de reivindicações do povo no referente contexto. Somado a isso, sublinha-se que Chávez governou com uma maioria pró-governo no legislativo.

O jornalismo alternativo – tal qual os Jornalistas Livres, reconhece a política de Hugo Chávez como um socialismo bolivariano, por outro lado, o jornalismo televisivo “tradicional” buscou construir um senso comum sobre a imagem de um Hugo Chávez comunista, autoritário, ditador e anti-democrático. Percebe-se que Chávez andava na contraposição da perspectiva política estadunidense de interesse nas reservas de petróleo venezuelano.

## 2 JORNALISTAS LIVRES: COMUNICAÇÃO POLÍTICA E GLOBALIZAÇÃO

Para compreender a situação da Venezuela no contexto do capitalismo global como um fato de interesse midiático, precisamos entender alguns fatores históricos sobre o próprio capital. A crise do capitalismo global iniciada em 2008<sup>3</sup> contribuiu não somente para o alavancamento de novas formas de manifestações político-sociais e relações de poder que se espalharam pelo mundo e que, a princípio, foram informadas pelas comunicações corporativas – jornalismo tradicional.

Posteriormente, por volta de 2011, novas formas de se perceber as relações sociais, de se conectar e contatá-las foram viabilizadas a partir das comunicações aparentemente não corporativistas – podendo nesse sentido ser chamado de “comunicação alternativa”. Para Martinez e Persichetti (2015, p. 55), “Jornalistas Livres são grupos da mídia brasileira conhecidos como mídia ativismo, que usa redes sociais digitais como uma abordagem alternativa às formas tradicionais de mídia”.

1 Jornalistas Livres são uma mídia alternativa em defesa da Democracia (MUNIZ, 2019)

2 Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2017/10/chavismo-obtem-vitoria-esmagadora-nas-eleicoes-regionais-na-venezuela/>. Acesso em: 23 fev. 2019.

3 Falência do banco de investimento *Lehman Brothers* no dia 15 de setembro de 2008 marca a transformação da crise financeira internacional, iniciada no mercado americano de hipotecas de alto risco em meados de 2007, em uma crise global sistêmica (FREITAS, 2009)



A exemplo, no dia 15 de outubro de 2017, os Jornalistas Livres, através da jornalista Juliana Medeiros, produziram e publicaram uma matéria intitulada: “Ditadura Venezuelana - maior *fake news* da história contemporânea”<sup>4</sup>. Nesse sentido, a página da comunidade aponta que no domingo 15 de outubro, a Venezuela realizou a sua 22ª Eleição Regional para governadores de 23 estados.

A jornalista Juliana Medeiros, atuando em uma mídia alternativa, ainda aponta que toda a imprensa mundial acompanhou de perto a disputa, buscando encontrar evidências de fraude, ou algum furo de reportagem que adicionasse aspectos e elementos sobre a crise econômica e política do país. Contudo, qual a origem da contemporânea “Crise da Venezuela”?

Nicolás Maduro, atual presidente da Venezuela, dentre vários aspectos, buscou aparentar-se politicamente com seu antecessor Hugo Chávez, contudo, não se compunha do mesmo carisma, mas em algo se aparentam: a resistência diante da perseguição imperialista dos Estados Unidos, que desde o início do século XX está ávido pela maior jazida de petróleo do mundo, localizado na Bacia Hidrográfica de Orinoco, Venezuela.

Por esse viés, uma matéria publicada no Portal G1 – Economia<sup>5</sup> (2019) ressalta que os Estados Unidos demandavam da Arábia Saudita, da Venezuela, e até do Brasil, em média, 13 milhões de barris de petróleo por dia. Por volta de 2012-2013, o governo norte-americano achou Xisto Betuminoso em seu território, e, por conseguinte, a partir de 2014, o governo cancelou boa parte das importações de petróleo de seus dois maiores fornecedores, e ao mesmo tempo, alavancou a produção de derivados do petróleo. Isso contribuiu significativamente para uma nova crise do petróleo, principalmente na Venezuela.

Por outro lado, Presbisch (1962) aponta que América latina tem sido referência econômica por produzir alguns bens de consumo de primeira necessidade. No entanto, há dois pontos a se analisar. Sobre o primeiro, Corazza e Mesquita (2018) apontam que a Venezuela, por não produzir os produtos, os mesmos estão sumindo das prateleiras dos supermercados, somado a alguns embargos comerciais dos Estados Unidos. O segundo ponto a se analisar, parte do princípio de que boa parte da produção de primeira necessidade é efetivada por empresários, que por sua vez, fazem parte da oposição ao governo de Nicolás Maduro. Em conjunto, Martins e Marcondes (2020) relatam que vem a ser notório que tais fatos contribuem para a carência da população em função da ausência do produto, e ainda mais para uma determinada espetacularização midiática do jornalismo de oposição a Maduro.

### 3 REDES, PROCESSOS SOCIAIS E COMUNICAÇÃO

É desse contexto, desse *ethos* caótico, que se enxerga a investigação, percebendo que vêm se conformando e se remoldando novas formas de fazer jornalismo e comunicação, não só motivadas pelos conteúdos da política, mas também dos conflitos e processos de mediatização das interações entre as instituições e poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) e cidadãos.

Traquina (2005) nos ajuda a pensar o Jornalismo como uma prática político-social. Outros autores nos ajudam a delimitar nosso tema, pensando um tipo de jornalismo praticado pela rede dos Jornalistas Livres, a partir de seu núcleo fundador São Paulo (SP) como uma rede alternativa do campo comercial. E finalmente, Santaella (2008) nos ajuda a pensar no cenário da cultura digital em um jornalismo que tem, a partir das plataformas locativas, fatores que orientam um novo *modus operandi* do jornalismo também como operador para se pensar política como uma prática.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/2017/10/ditadura-na-venezuela-o-maior-fake-news-da-historia-contemporanea/>. Acesso em: 02 fev. 2019.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/24/em-crise-venezuela-e-rica-em-reservas-de-petroleo-subexploradas.ghtml>. Acesso em: 11 nov. 2021.



Souza e Silva (2006) nos envolvem num cenário de debates do campo jornalístico que não pode prescindir de um novo contexto estrutural de produção de informação:

[...] Os espaços híbridos combinam o físico e o digital num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via aparelhos móveis de comunicação. A emergência de tecnologias portáteis contribui para a possibilidade de se estar constantemente conectada a espaços digitais, e literalmente à internet, onde se quer que se vá. (SOUZA E SILVA, 2006, p. 27)

Nessa assertiva, a perspectiva é refletir, descrever alguns processos desse modo de fazer jornalismo, hibridizado com tecnologias digitais, para construirmos condições para pensar as práticas sociais dos Jornalistas Livres em movimento.

A finalidade é produzir um produto audiovisual que crie uma narrativa, a partir de relatos de observadores das agendas organizadas pelos coletivos de jornalistas livres sobre o caso da crise na Venezuela.

Sodré (2018) retrata que uma das propostas da mídia internacional se centra em estabelecer a economia midiática para criar uma forma de vida sempre modernizante por vias do liberalismo democrático e do consumo. No entanto, quando se trabalha da mídia para o público não se trata de uma influência normativa, mas de estruturas emocionais e sensoriais que estetizam em um plano de fundo, criando, desta forma, uma extroversão sistemática.

Antes de nos aprofundarmos em nosso objeto (percepções sobre a cobertura dos jornalistas livres sobre a crise da Venezuela), precisamos situar o contexto da produção do Jornalismo no país, para em seguida termos um quadro histórico da compreensão do lugar das mídias alternativas, especificamente dos Jornalistas Livres.

Inicia-se uma breve análise do rádio, a qual teve a primeira transmissão radiofônica em 1922, em comemoração ao centenário da Independência (ALMEIDA, 1995). Inicialmente, o rádio era formada por clubes de amadores e passou a ter a primeira emissora com transmissão regular no ano de 1923 com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (JAMBEIRO, 2002).

No contexto desta década (1930) surge o rádio comercial após a emissão de um decreto permitindo a inserção publicitária, o Decreto nº 21.111 de 1º de março de 1932. Como resultado, a produção erudita passou a ser popular, e os interesses dos proprietários passaram de educativos para mercantis. Ainda na mesma década - 1930 - aparecem a propaganda política, a Rádio Jornal do Brasil, e a Voz do Brasil, que estabelece em sua programação o cunho informativo.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a volta da democracia ao Brasil, a Constituição de 1946 restabelece o Decreto nº 24776 de 1937, que regulava a liberdade de imprensa (JARDIM; BRANDÃO, 2014). Essa norma não traz grandes avanços, porém permite aos jornais - inclusive aos menores, comunitários e alternativos - maior liberdade de circulação, não permitida com tanta abrangência no Estado Novo.

O período de redemocratização traz uma liberdade aparente para a imprensa e os meios de comunicação.



A rádio apresenta, no contexto da história das mídias alternativas no Brasil, uma luta dos movimentos artísticos e políticos e estudantis durante a ditadura, e mais recentemente, a luta das rádios livres e comunitárias. Em 1993, há a implantação do regulatório de rádios comunitárias no país. No entanto, com inúmeras barreiras burocráticas para a outorga das rádios comunitárias de baixa potência, muitas rádios migraram para as plataformas *web*.

Na perspectiva da televisão, após a estagnação mundial no campo televisual por causa da Segunda Guerra Mundial, foi realizada no dia 18 de setembro de 1950 às 17h00 em São Paulo, a primeira transmissão de imagens no Brasil pela TV Tupi-Difusora uma emissora do Diários Associados de Assis Chateaubriand. Uma forte característica do início da televisão foi o seu aspecto radiofônico com imagens, a imensa maioria dos primeiros profissionais da televisão eram aqueles que trabalhavam na rádio (LEAL, 2009).

A televisão, assim como o rádio e o cinema, passou a exibir notícias. Mattos (2002) lembra que o telejornalismo surgiu dois dias após a sua inauguração, mas apenas em primeiro de abril de 1952 que foi ao ar pela primeira vez um dos mais famosos telejornais da televisão brasileira, com o nome de seu patrocinador, a Esso: “O ‘Repórter Esso’ foi adaptado pela Tupi Rio de um rádiojornal de grande sucesso transmitido pela *United Press International* (UPI)” (MATTOS, 2002, p. 84-85). A vitoriosa experiência de colocar um apresentador exclusivo e o patrocínio de uma única empresa foi repetida em todas as emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand. O Repórter Esso foi tido como um marco no telejornalismo brasileiro e permaneceu no ar até 31 de dezembro de 1970.

Segundo Mattos (2002, p. 92), no período compreendido entre 1968 e 1979, os veículos de comunicação operaram sob as restrições do Ato Institucional nº 5, o qual concedia ao Poder Executivo federal o direito de censurar os veículos, além de estimular a prática da autocensura, evitando assim, qualquer publicação ou transmissão que pudesse levá-los a ser enquadrados e processados na Lei de Segurança Nacional. Ironicamente, o desenvolvimento da televisão, principalmente da TV Globo<sup>6</sup>, aconteceu durante esse período de maior restrição governamental. Além do controle através das concessões de licenças e da censura, o governo fazia recomendações diretas e indiretas a respeito do conteúdo dos programas.

Atualmente, o jornalismo televisivo, na sua maioria, serve aos interesses do capitalismo, isso ocorre devido a fatores econômicos que, muitas vezes, sobressaem às responsabilidades sociais dos jornalistas (SILVA, 1991). Nesse sentido, entendemos que, dentre vários aspectos, o jornalismo tradicional, principalmente o televisivo, informa e noticia fatos de interesse público. Por outro lado, seu poder de formação de opinião com base em um senso comum também contribui para a capacidade de entreter o público, a partir de um discurso midiático capaz de contornar e controlar as informações de acordo com angulações e interesses corporativos, ou seja, de quem paga pelas informações ou propagandas.

Mas o Jornalismo, mesmo em momentos de recrudescimento em nossa história social e política brasileira, movimenta capilaridades sociais de resistência, colocando o jornalismo como uma prática também cultural, uma forma de expressão com fortes conotações políticas com bases socialmente definidas. Em alguns desses momentos, o jornalismo apresentou algumas interfaces contraculturais, e ficou conhecido como modalidade de imprensa alternativa.

Esse tipo de jornalismo e imprensa também pode ser conhecido como: imprensa independente, imprensa marginal, imprensa underground (RABAÇA; BARBOSA, 1978).



O jornalismo alternativo, ao que se percebe, eclodiu de notória maneira também na Primavera Árabe<sup>7</sup>. Segundo Farah (2011), dentre alguns aspectos, Khaled Said - um blogueiro - publicou na internet um vídeo contendo evidências de suborno de agentes estatais de segurança. Após a publicação, Said foi pego e espancado até a morte. Tal fato histórico serviu de estopim que levou a criação do movimento “Somos todos Khaled Said”, que consequentemente possibilitou a eclosão de movimentos sociais em todo o país através de redes de compartilhamentos nas mídias sociais.

Outro ponto importante de se analisar foi a articulação e crescimento das comunicações alternativas que se deram com o *Occupy Wall Street*<sup>8</sup> em 2012, na cidade de Nova Iorque – Estados Unidos. É interessante ressaltar também a importância das mídias sociais na “convocação” de militantes, agregados e interessados na reivindicação de direitos e oportunidades sociais.

No Brasil, os maiores veículos de comunicação pertencem, na sua maioria, a políticos que ainda estão em mandatos, ou estão sob significativas influências partidárias comprometidas com grandes corporações nacionais e internacionais. Nessa assertiva, compreende-se que todo fato histórico, todo acontecimento e ação política é submetida a análises dualistas, e muitas vezes até propícias a um maniqueísmo sectário. Nessa perspectiva, é inegável que o jornalismo tradicional, em senso comum, tem o poder de “criar” personagens heroicos e controversos, assim como também ditadores, usurpadores e autoritários.

Por outro lado, a comunicação alternativa, tal qual os Jornalistas Livres – objeto de análise deste trabalho – se percebem como um novo jornalismo, não corporativo e apartidário, que busca levar a verdade em tempo real, sem edições e sem manipulações, e sobretudo, que se mantém – enquanto instituição – de continuadas doações, um jornalismo independente que há pouco tempo constituiu sua sede, que a cada dia se compõe de novos colaboradores que não recebem pela sua força de trabalho.

#### **4 UMA QUESTÃO DE PARADIGMA: PARA ONDE CAMINHA O JORNALISMO?**

Na intenção de responder a questão sobre a relação entre comunicação alternativa, midiatização e política (caso Venezuela), é necessário compreender a análise sobre midiatização. No tocante, Ferreira (2007) afirma que a midiatização diz respeito à unificação e diferenciação dos mercados discursivos, a partir de três dimensões que se afetam mutuamente: processos comunicacionais, contextos/práticas sociais e dispositivos midiáticos/tecnologias.

Com base no conceito de midiatização, supõe-se a necessidade de investigar reposicionamentos de informações. Nesse contexto de midiatização que envolve novas instituições (livres, organizações sociais), as novas mídias digitais contribuem com jornalismo qual devem ser vistas, estudadas e analisadas em conjunções de posição política. Debater, produzir e publicar uma matéria jornalística envolvendo sujeitos sociais, movimentos e manifestações de requerimento político, é menos complexo que construí-la a partir de uma contextualização global para a compreensão do regional, do Estado, ou ainda da territorialidade. Gomes (2016) aborda justamente as teias de complexidade de interações entre atores sociais e práticas socioculturais, que são situações às quais os processos comunicacionais como objetos de pesquisa não podem deixar de amparar.

<sup>7</sup> Nome dado à onda de protestos, revoltas populares contra governos do mundo árabe que eclodiu em 2011. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/atualidades/primavera-arabe-resumo-679427.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2019.

<sup>8</sup> Para Túlio Barbosa (2012, p. 1) o Occupy Wall Street (OWS) não pode ser considerado um evento neutro e isolado, mesmo não revelando atitudes mais radicais quanto ao sistema capitalista.



Ao que se percebe, a formação etimológica parece simples, mas se trata de um conjunto de recursos de ações humanas, recursos tecnológicos e fatos históricos (acontecimentos) que, em conjunto, possibilitam conceituar - ainda que não haja uma forma definida de expressão - a midiatização. Por esse viés, entende-se que existe uma estreita relação entre as práticas de comunicação/imprensa alternativa e a midiatização da política na cultura digital. O conceito de midiatização tem essa perspectiva de lançar reflexões sobre contextos de práticas culturais, interações midiáticas e acontecimentos da sociedade contemporânea, e assim nos ajuda a navegar no nosso objeto. Sobre o conceito midiatização como uma ferramenta metodológica para análises de processos comunicacionais, Gomes afirma:

(...) vamos utilizar o conceito de “midiatização” como um paradigma para analisar e compreender a realidade contemporânea. Há um processo novo, através da proliferação das mídias sociais, potencializadas pela cultura digital, que resiste às abordagens setoriais, até agora levadas a cabo pela academia. Impera a necessidade de um conceito que, abrangente, consiga dar conta do que está acontecendo e possibilite uma abordagem sistêmica, para além dos meios particulares. Na nossa formulação, um paradigma que torne possível uma reflexão meta-midiática. (GOMES, 2016, p. 3)

E nesse cenário, estamos falando de uma prática jornalística dos Jornalistas Livres em que não temos uma base tradicional de produção, uma redação, mas temos um ambiente de rede de produção de informações, que percorrem circuitos físicos e virtuais, e desenvolvem-se para plataformas locativas abrigadas em mídias sociais. Ou seja, as associações de tecnologias são associadas a esses novos modos de produção jornalística na contemporaneidade trafegando por objetos do campo político. Kucinski (2005 p. 40) diz:

Na internet, e somente na internet, é possível ler imediatamente o que jornais de quaisquer partes do mundo estão escrevendo sobre um determinado assunto”. Kucinski continua: “Não admira que a internet tenha reaberto uma nova era de encantamento do ser humano com a comunicação e com a arte de escrever.

Ainda articulando esse cenário convergência presente no objeto de estudo, o celular tornou-se ferramenta/mídia indispensável nesse processo, agregando outras mídias que conferem condições de poder aos seus usuários, que se tornam ao mesmo tempo produtores e receptores da informação, promovendo ainda facilidades técnicas para executarem as mais diversas funções, inclusive interagir com diversas mídias tradicionais ou locativas. Henry Jenkins (2008 p. 30) diz: “Fui informado, loja após loja, de que não fazem mais celulares de função única. Ninguém os quer. Foi uma poderosa demonstração de como os celulares se tornaram fundamentais no processo de convergência das mídias”.

O objeto está nas práticas desse coletivo de Jornalistas Livres que se processam por mídias locativas com centralidades virtuais de informação dispersas em cada canto do país ou redes expandidas (*online*) que operam os temas da política nesse caso específico. Pois Jorge Filho (2018, p. 13) relata que:

a maior clivagem entre o alternativo e o *fake* encontra-se na própria deontologia do jornalismo. Mesmo quando assume um viés político, sem tomar para si a prerrogativa de uma neutralidade total, que seria impossível, o jornalista direciona sua intervenção por um princípio de busca de verdades que, mesmo parciais, podem de alguma forma serem sustentadas por evidências, tendo em vista uma participação em debates públicos relevantes.

Desta forma, o autor supracitado reforça que, ao levar em consideração o contexto histórico do jornalismo alternativo, deve-se sobretudo observar a sua forma de narrativa jornalística que se diferencia de um padrão estabelecido do “fazer jornalismo”, propondo, desta forma, diferentes definições do que pode ser notícia ou não.



## 5 PROCESSOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS

Realiza-se uma pesquisa qualitativa, exploratória, na perspectiva da etnometodologia, recortando e recompondo fragmentos de histórias orais sobre o processo de cobertura da crise da Venezuela, no sentido de construir um espaço comunicacional, interacional com os entrevistados<sup>9</sup>.

Vamos descrever relatos, a partir de entrevistas, no sentido de obter da forma mais interacional e espontânea, as percepções desses sujeitos/personagens sobre os fatos políticos da Venezuela cobertos pela imprensa alternativa/jornalista livre. Realizamos esse procedimento da ótica etnometodológica, ao qual Marre (1991, p. 166) afirma que em lugar de uma neutralidade, há a necessidade do pesquisador ter uma certa empatia com o seu entrevistado, no sentido de vivenciar, de um modo ativo, os diversos níveis de verbalização em ato e toda a riqueza da experiência humana.

Pode-se observar que a imprensa alternativa recupera o fundamento jornalístico interacional da história dos fatos, que é contextualizar os fatos historicamente para lançar novas bases das notícias atuais. Desta forma verificando com profundidade histórica sobre os fatos e na cobertura dos fatos, e isso se deve a alguns fatores. Um dos que foram ressaltados foi obter abordagens de fontes diferenciadas sobre os fatos em relação às mídias tradicionais e hegemônicas, e promover uma oferta de abordagem diferenciada para os leitores sobre fatos da vida cotidiana, no caso específico, sobre fatos sociais e políticos. Como afirma o cônsul AP, e DS, estudante, militante estudantil do curso de Comunicação - UFPa:

Eu tenho visto pouco do trabalho dos Jornalistas Livres sobre o caso Venezuela, eu tenho visto mais sobre outra situação, mas no caso Venezuela acho que eles tentam **fazer uma cobertura um pouco menos parcializado, tentam colocar um elemento e as vezes coloca o outro. Eu vi uma reportagem sobre a fronteira entre Boa Vista e Pacaraima e Santa Elena Brasil, Venezuela e falava do fluxo de venezuelanos para o Brasil, mas também, falar dos brasileiros para Venezuela ninguém fala disso**, falava do caso do garimpo dos casos de contrabando do caso de brasileiros que tem filhos estudando na Venezuela por que a educação é gratuita na universidade, estudando medicina.

Então, eu acho que é uma **eles colocam uma visão um pouco mais completa né da situação, também nas eleições venezuelanas eles tentam fazer esse diálogo das duas partes da disputa política**, eu diria que quanto as falências seria uma maior difusão aqui no Brasil, porque no Brasil se impor sempre o que sai na mídia hegemônica no rede globo, SBT, Bandeirantes mas **a mídia de internet, alternativa tem um espaço, não consegue disputar esse espaço da televisão do prime time , então, eu acho que aí seria dentro da perspectiva dos JL, tentar criar esse espaço ou tentar chegar a esse espaço é muito difícil, mas com o apoio do governo de outras instituições, mas acho que é difusão do que acontece realmente é muito mais complexa, mais difícil (ENTREVISTADO AP, 2017).**

Eu acompanho os jornalistas livres há algum tempo, como estudante de comunicação social que faz parte do coletivo do movimento estudantil que uma das principais bandeiras de luta é a democratização da comunicação. A gente acaba tendo essa preocupação em saber o que essas mídias alternativas de cunho nacional e abrangência nacional, sempre estão falando sobre tudo. **E acompanhando aos poucos não somente os JL (jornalistas livres), mas mídia ninja e outros coletivos independentes. A gente vê que é, se vê de fato a presença da população como não somente massa de manobra, mas como pessoas que estão sendo ouvidas e isso pra mim, na comunicação alternativa e isso é muito importante, a gente ouvir de fatos, pessoas que tem interesses naquilo.**

Então a cobertura dos JL que eu me lembro, O enfoque que eu lembro é muito mais voltado para o social e, não somente pra questão política ou o que Maduro fala ou deixa de falar sobre isso.

Então assim, eles têm a intenção de fazer uma mídia alternativa que de fato coloca em voga algumas problemáticas que são de fato pertinentes na nossa sociedade.

Eu acredito muito no jornalismo alternativo como um viés necessário pra que a gente aja de fato a democratização da comunicação no país (ENTREVISTADO DS, 2017).

<sup>9</sup> Nossas personagens: AP, cônsul da Venezuela, ativista político e DS, estudante de jornalismo, da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS), e faz parte do coletivo juventude negra do Centro de Defesa do Negro no Pará (CEDENPA), e membro da comissão organizadora do encontro Nacional de estudantes de Comunicação (2018). Por questões estéticas os nomes serão omitidos.



As mídias alternativas, além de oferecerem um repertório de abordagens dos fatos diferenciadas, têm tido a tarefa histórica também de estabelecer uma nova arena simbólica, a partir de outras formas de interações sociais. Territórios natos dos Jornalistas Livres, as mídias sociais lançam não só plataformas novas de acesso à informação, mas também lançam bases para outros formatos de tempo e espaço de consumo da informação, desengessando o tempo de notícia das mídias tradicionais, o tempo dos jornalistas livres disputam novas fatias de públicos e leitores, pela valorização do tempo da história. O desafio colocado é como promover o debate em uma outra dimensão de tempo de consumo (receptores ativos) e informação. Como impactar, aderindo a uma dimensão de tempo mais fluida, dinâmica. Como se faz debate político em 30 segundos? Esse desafio se coloca para imprensa alternativa. Ressalta AP sobre as mídias alternativas, os JL:

Porque não é só falar como fala a globo, coloca um titular que só da notícia, **então se você quer explicar, você tem que aprofundar tem que entrar, tem que debater, por que e vai ter debate, então muitas vezes a gente não consegue fazer esse debate porque a mídia hoje em dia é 30 segundos.** Aí aí e um titular se você entra nessa briga desse jeito você está se parcializando por um lado, é o que acontece muito lá na redes sociais na Venezuela. **Então os JL tentam ir além disso, mais não conseguem, por que dentro do esquema midiático atual, primeiro não tem recursos e segundo não tem os elemento para entrar nessa briga, e limitado, por que você tenta aprofundar mais as pessoas não querem aprofundar a pessoas querem vê um titular, e se dá por interado que é tudo que precisa.** Então, como você consegue entrar e disputar? **Eu acho que não é só os JL, é toda a imprensa alternativa, tem que se replantar de como fazer a disputa com a mídia hegemônica e tá muito, muito difícil, um twiter, um titular, uma postagem, pode fazer muito mais que uma reportagem de 20 folhas, isso é uma grande realidade dos meios alternativos (ENTREVISTADO AP, 2017).**

Com base nas entrevistas, percebe-se que o trabalho dos Jornalistas Livres não consegue alcançar um público além daqueles ligados ao meio acadêmico, aos movimentos políticos, sociais, culturais e de engajamento de forma geral. Outro ponto importante a se analisar dentre as falas dos entrevistados, é quanto a (im)parcialidade dos Jornalistas “Livres”, assim como as narrativas orais dos entrevistados, destaca-se a a incredibilidade do desvinculamento institucional deles – JL – com grandes corporações e partidos políticos.

## 6 ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Foram vários os aspectos pesquisados pelo viés da etnometodologia em processos interdisciplinares entre comunicação e jornalismo. Nesse sentido, é interessante ressaltar sobre a pesquisa de campo, e dos recursos empíricos de colhimento das narrativas orais, que de forma geral, contribuíram para a formação epistemológica deste trabalho.

É interessante ressaltar que as transformações a partir da "revolução bolivariana", possibilitadas pela implantação e implementação das políticas chavistas, em grande medida, tornou-se (in)visível não somente aos telespectadores de boa parte da América Latina, mas também do mundo. O jornalismo televisivo dito “tradicional”, como da Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Record, dentre outros, talvez não por seus jornalistas, mas sim pelos editoriais, passaram a beber nas pretéritas fontes ideológicas do período da Guerra Fria, com textos jornalísticos dualistas, sectários, e rigidamente maniqueístas.

Com tais “revoluções”, e as repetidas vitórias de Chávez, a campanha televisiva sobre a (des)construção da imagem da Venezuela, assim como do socialismo bolivariano ganha a partir de 2011 uma oposição surgida como fruto da Primavera Árabe - os jornalismo alternativos como Mídia Ninja, e Jornalistas Livres.



Constatamos que o Jornalismo Alternativo eclodiu em meio à jornalistas, manifestantes, estudantes, intelectuais, dentre outros, na perspectiva de transmitir o dinamismo político-social em tempo real – que, de certa forma, como uma das premissas deste trabalho, ressaltamos que boa parte dos vídeos transmitidos em tempo real não são editados, contudo, sublinho para a questão da imparcialidade, e do “livre”.

O Jornalistas Livres é uma instituição que, de certa forma, têm buscado mostrar as manifestações, ações, e fatos históricos pouco vistos anteriormente, principalmente pela amplitude geográfica na qual seus colaboradores se fazem presente: Área urbana, rural, comunidades tradicionais, e até de outros países, como da Venezuela - que é parte do objeto de estudo deste trabalho.

Instituições e partidos de oposição aos Jornalistas Livres, como o MBL, DEM, PSDB, dentre outros, alegam que os Jornalistas Livres de "livre" não têm nada, que sua produção contribui para a destruição da família tradicional brasileira, dos valores morais, da fé, de apologias para a ocupação de terras, para a ideologia de gênero, e do comunismo.

Com base em tais afirmações, e diante da pesquisa realizada para este trabalho, acreditamos que as palavras dos reacionários objetivam a destruição da imagem e principalmente do trabalho construído pelos jornalistas livres. Reacionários e sectários do jornalismo tradicional alegam que os Jornalistas Livres perdem a credibilidade em três principais pontos. O primeiro se dá em função de que nem todos os colaboradores são formados na área de jornalismo. Segundamente, consiste de que são contra as mídias alternativas porque precisam defender seus empregos – defesa imposta pelo grande capital. Em uma terceira análise, pela fluidez das matérias diante as redes sociais, o que, em grande medida, amplia os fatos e acontecimentos de qualquer lugar do mundo, dando ciência aos interessados sobre o objeto apresentado.

Por outro lado, é inegável que a análise jornalística proposta e publicada pelos Jornalistas Livres encontra suas inspirações nos pensamentos e teorias marxistas, neomarxistas, da social-democracia, dos partidos de centro-esquerda, ou em uma análise mais simplista: na necessidade do povo mais carente, da realidade suburbana, em seus aspectos de cultura, educação, saúde, direito à moradia e a Terra.

Em última e inacabada análise, avaliaremos os aspectos reflexivos do ser “livre”. Infelizmente este trabalho não foi o suficiente para responder às inquietações e sanar as lacunas epistemológicas sobre o objeto de pesquisa. Mas, a princípio, aponta-se que nenhuma instituição se mantém sem custos de viagens dos seus profissionais, seja o deslocamento regional, estadual ou internacional; da aquisição e manutenção de material laboral; da infraestrutura predial e de despesas de terceiros para obtenção de material de expediente, o que por fim se conclui que o “livre” está condicionado aos anseios de quem está investindo dentro de um *feedback* bifocalizado.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Candido José Mendes de A. M. Legislação de TV. In: ALMEIDA, Candido José Mendes de; ARAÚJO, Maria Elisa de (org). **As Perspectivas da Televisão Brasileira Ao Vivo**. Rio de Janeiro: Imago Ed.: Centro Cultural Cândido Mendes, 1995.

CORAZZA. Felipe; MESQUITA, Lígia. **Crise na Venezuela**: o que levou o país ao colapso econômico e à maior crise de sua história. (2018.) Disponível:<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>. Acesso em 11 de nov. 2021.



ENTREVISTADO AP. **Entrevista sobre a crise da Venezuela.** Entrevista cedida a Marcio Paiva de Souza e Andrea Oliveira Corrêa. 27 ago. Belém. 2017.

ENTREVISTADO DS. **Entrevista sobre a crise da Venezuela.** Entrevista cedida a Marcio Paiva de Souza e Andrea Oliveira Corrêa. 27 ago. Belém. 2017.

FARAH, Paulo Daniel Elias. A primavera árabe no Machreq, Maghreb e Khalíj: motivações e perspectivas. **Política Externa**, São Paulo, v. 20, p. 45-55, 2011.

FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, Brasília, v. 10, 2007.

FREITAS, Maria Cristina Penido. “Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito”. **Revista de Estudos Avançados**, n. 23, 2009.

GLOBO COMUNICAÇÕES. **História**: Grupo Globo. Disponível em <https://robertomarinho.globo.com/hgg/>. Acesso em 07 dez. 2021.

GOMES, Pedro. Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista Famecos, Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2016.

JAMBEIRO, Othon. **A TV no Brasil do século XX**. Salvador: 2002, EDUFBA.

JARDIM, Trajano Silva; BRANDÃO, Iolanda Bezerra dos Santos. Breve histórico da imprensa no Brasil: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. **Hegemonia**, n. 14, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JORGE FILHO, José Ismar Petrola. Jornalismo alternativo ontem e hoje: histórico e esboço de uma definição. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 16, 2018, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FIAM-FAAM / Anhembi Morumbi, 2018.

KUCINSKI, Bernado. **Jornalismo na era virtual**: Ensaios sobre o colapso da razão ética. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil**. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 7, 2009, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: 2009.

MARRE, Jacques Léon. 1989. História devida e método Biográfico. **Caderno de Sociologia**, v. 3, n. 3, 1991.

MARTINEZ, Monica; PERSICHETTI, Simonetta. Mídia Ninja: a narrativa fotojornalística brasileira na era digital. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 55-64, 2015.

MARTINS, Moisés de Lemos; MARCONDES, Valéria. “Eles”, venezuelanos, e a crise na Venezuela: práticas discursivas na revista Veja. **Comunicação e sociedade**, v. 38, 2020.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, 2010.



PREBISCH, Raul. O desenvolvimento econômico da América latina e seus principais fatores. **CEPAL - Boletín económico de América Latina**, Santiago do Chile, v. VII, n. 1, 1962.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

SANTAELLA, Lúcia. A estética política das mídias locativas. **Nômad**as, Bogotá, n. 28, 2008.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O Adiantado da Hora**. A influência Americana sobre o Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, Campo comunicacional e Midiatização. In: MORAES, Dênis de (org). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2018.

SOUZA E SILVA, Adriana de. Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos. In: ARAÚJO, Denize C. (org.). **Imagem (ir)realidade: comunicação e cibermídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo - Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

Artigo recebido em: 18 ago. 2020. | Artigo aprovado em: 24 nov. 2021.